

"CASA ASSOMBRADA NA MOÓCA"

O que vou relatar, realmente aconteceu.

Apenas os nomes das pessoas foram alterados, a fim de se manter a privacidade de seus descendentes.

O ano, 1925

Francisco e Joana acabavam de voltar de sua lua-de-mel.

Alugaram uma pequena casa no tradicional bairro paulistano da Moóca.

Uma casa muito velha, diga-se de passagem, embora bem conservada.

Era um imóvel modesto, pequeno até, mas estava na medida certa do bolso do jovem casal.

Uma nova vida esperava o casal - muito amor, trabalho e companheirismo.

O endereço era Rua Conselheiro João Alfredo, o nº não me lembro.

Muitos anos depois, esse imóvel foi demolido, dando lugar a uma edificação mais adequada aos tempos.

A São Paulo de então constituía-se numa cidade completamente diferente da megalópole que hoje conhecemos.

O nascimento do primogênito ainda não estava programado, e o casalzinho iria começar uma vida de muito trabalho.

A esposa nas prendas domésticas, o marido trabalhando fora para sustentar o lar.

Ele sempre fora um homem "do batente", como se dizia então, e não temia ter de trabalhar mais do que de costume para sustentar sua esposa.

Nascido no último quarto do Século XIX, no município paulista de São Bento do Sapucaí, na região conhecida como Vale do Paraíba, ficara órfão de pai na mais tenra infância, perdendo a

mãe quando da famigerada epidemia da "gripe espanhola", que fez muitas vítimas fatais.

Desde muito pequeno, fora jogado de um lado para outro, passando pelas mãos de parentes inescrupulosos que só fizeram dilapidar seu patrimônio herdado, então respeitável.

Fazendas, terrenos, dinheiro, tudo fora "administrado" de forma desonesta.

Ainda menino, perdera tudo, enquanto os parentes enriqueciam...

Mas Francisco não tinha mágoas de ninguém.

Essa série de dificuldades serviu, apenas, para forjar um caráter duro, desconfiado, pronto a enfrentar todo tipo de obstáculo, sem esmorecer por um instante sequer.

Um homem assim não se intimidava com a necessidade de duplicar suas horas de trabalho diário.

Farmacêutico e dentista prático, como se denominava na época os profissionais

autodidatas, não seria difícil encontrar trabalho por fazer.

Francisco trabalhava duro o dia todo, enquanto Joana, em casa, cuidava de mantê-la em ordem.

O trabalho doméstico, porém, era pouco, e Joana tinha bastante tempo para "bater papo" com a vizinha da casa ao lado.

Ao fim da tarde, Joana iniciava o preparo do jantar, aguardando a chegada do marido, por volta das dezenove horas.

Francisco chegava cansado e desejava, mais do que tudo, uma lauta refeição.

Joana era uma grande cozinheira, tendo aprendido essa arte com a mãe, dona Maria, italiana de nascimento e brasileira por opção.

Dona Maria teve sua filha Joana no início deste Século.

Antes dela, tivera três outros filhos e, após a mesma, nasceram outros dois.

Três casais de filhos, todos saudáveis.

Mas Joana era diferente.

Apaixonada pelo Catolicismo, Joana, desde menina, desejava tornar-se freira.

Seu sonho era entrar para um convento.

Mas era um sonho impossível para ela:

Seu pai, Giuseppe, era italiano de origem judaica.

Não bastasse isso, detestava os cristãos como um todo, os sacerdotes católicos em especial.

Ex-Bersaglieri, espécie de "tropa-de-elite" italiana, fugira da Itália por ser contra o Governo estabelecido.

Anarquista, comunista, maçom, as informações sobre sua filosofia pessoal são controvertidas.

Só tenho certeza de que ele proibira sua filha Joana de casar-se na Igreja.

Além disso, para ingressar num convento, naquela época, era necessário ser de uma família tradicionalmente católica e... abastada.

E não era, em absoluto, a situação de sua família.

Papai Giuseppe era um homem estranho.

Achava que "a propriedade é um furto, e quem a possui é um ladrão".

Dentro dessa filosofia, nunca adquiriu um imóvel mas, semanalmente, em sua casa, patrocinava almoços dominicais com muito vinho, carne de cabritos, de frangos, de porcos, queijos diversos, muitas frutas, diversos doces. E esses verdadeiros banquetes eram dados aos parentes e amigos, que eram muitos.

Giuseppe era um homem que vivia "o dia de hoje", como se dizia, sem preocupação com o futuro.

Trabalhava duro, mas não se importava em construir patrimônio. Era essa sua filosofia pessoal.

Mesmo dentro de casa, usava chapéu.

Nunca entrava em Igrejas.

Seus amigos o respeitavam. Os conhecidos o temiam.

Chamavam-no de "Papa Negro", um apelido para o qual não temos explicação.

Mas Giuseppe tinha um baú, ao qual o acesso era proibido a todos, mesmo aos membros da família.

O baú guardava algumas espadas, uma garrucha, um estilete e um espadim, além de uma caveira, alguns livros estranhos e outros objetos macabros.

Mas nunca houve explicação para esses objetos serem guardados no lar de gente comum.

Bem, não tão comum assim, é verdade.

Mas o que interessa é que Papai Giuseppe não aceitaria que sua filha casasse na Igreja.

Joana contraiu núpcias com Francisco, casando-se apenas no Civil, e em casa.

Depois, como era seu desejo, casou-se no Religioso, na Igreja de Nossa Senhora de Aparecida, em segredo.

E começaram, Joana e Francisco, uma vida em comum que duraria mais de cinqüenta anos, até que a morte os separou.

Mas aquele era o momento do início de um casamento sólido e feliz, cheio de sonhos e esperanças.

É claro que os sonhos de então eram diferentes dos atuais. Os valores eram outros.

O jovem casal era feliz, e os dias em comum passavam velozmente.

Francisco chegava do trabalho cheio de saudade da esposa Joana.

E Joana já havia preparado um saboroso e aromático jantar para seu jovem esposo.

Ambos jantavam e, após, Joana tirava a mesa e cuidava de lavar a louça.

Era uma rotina simples e monótona, mas Joana realizava-a com satisfação.

Ficavam, então, conversando um pouco, até aproximadamente às oito da noite.

Era então que o inusitado ocorria:

Ouvia-se passos.

Passos no telhado.

Os passos como que cruzavam a casa de ponta a ponta, atravessando-a.

E isso durava alguns minutos.

Era perturbador.

Diariamente, regularmente às vinte horas, ouvia-se passos.

Pontualmente.

Na primeira noite, Francisco ficou preocupado.

Apanhou seu revólver Smith & Wesson de cinco tiros e calibre .38 'curto', e pensou que teria de enfrentar algum marginal. Isso seria algo realmente terrível nos anos 20. De arma em punho, acompanhou o caminho dos passos.

O ruído iniciara-se na frente da casa, rumando para os fundos, até a área de serviço.

Então, repentinamente, os passos cessavam.

O caminhante misterioso parecia sumir.

Francisco abriu a porta da área de serviço, pronto a disparar seu revólver contra um invasor.

Mas não havia ninguém.

- "Deve ser um gato ou outro bicho, Francisco", disse Joana, tentando tranquilizar o marido, muito embora ela mesma tivesse ficado aterrorizada com o ocorrido.

Francisco ficara, porém, preocupado, pois percebera o estado emocional de sua jovem cônjuge.

- "Como é que vou deixar minha esposa sozinha, sabendo que alguém caminha sobre o telhado de nossa casa?"

- "Ora, isso só aconteceu uma vez, não irá se repetir nunca mais!", falou Joana, quase tentando convencer-se, também.

Mal sabiam eles como subestimaram esse "andarilho invisível".

Ambos quase não dormiram naquela noite.

Culparam, é claro, a cama nova, que teriam estranhado.

Sabiam, porém, que isso não era verdade.

Um novo dia começava com o raiar do Sol.

A rotina era a mesma.

No meio da tarde, após ter deixado a casa ordenada e feito um pouco de crochê, Joana

saíra para o jardim encontrando-se, do outro lado do muro, com a amável vizinha do lado. Conversaram cerca de meia hora sobre amenidades, até que Joana tomou coragem e contou, à vizinha, o misterioso acontecimento. A vizinha emudeceu por alguns instantes. Joana percebeu algo errado.

- "O que foi?", perguntou ela à vizinha.

- "Nada, nada. Lembrei-me que esqueci algo no fogo! Até amanhã!"

Com essas palavras, a vizinha afastou-se rapidamente, encerrando a conversa de forma abrupta.

Para dizer a verdade, parecia que ela "havia visto um fantasma"!

Joana ficara desconcertada com a atitude da vizinha mas, sendo uma pessoa de boa fé, preferiu acreditar que a mesma havia, realmente, deixado algo queimando no fogo.

Quando Francisco chegou, foi logo perguntando:

- "E os passos?"

- "Não ouvi nada, fique tranqüilo!"

Jantaram e, depois de retirar os pratos e talheres da mesa, Joana sentou-se junto de seu amado esposo para conversarem um pouco.

Francisco estava um pouco calado, preocupado. Sua jovem esposa resolveu contar-lhe o ocorrido com a vizinha.

O marido ouviu calado, atento.

Mal terminara seu relato, por volta das oito da noite, ouvia-se passos novamente.

Francisco levantou-se do sofá, sobressaltado.

"É algum bichinho, Francisco! Ninguém vai subir no telhado dos outros e ficar caminhando de um lado para outro, nessa escuridão!"

Fazia sentido.

Naquela época, as ruas não eram iluminadas, e oito da noite era um breu...

Francisco muniu-se, desta vez, de uma vassoura, batendo vigorosamente com o cabo da mesma no forro da casa, seguindo o rumo dos passos.

Fosse gente ou bicho, ele não tinha medo. Aliás, não tinha medo de nada, mas a coisa o irritava.

Então, repentinamente, o ruído cessara.

Os passos sumiram, como que por encanto.

Francisco deixou a vassoura de lado e, apanhando sua arma, empunhou-a, abrindo, a seguir, a porta da área de serviço.

Nesse instante, sem saber o motivo, teve sua atenção voltada para o tanque.

Por alguns instantes, aquele simples tanque pareceu atraí-lo.

Algo estranho, misterioso, parecia fixar-se naquele ponto.

Ele teve a nítida impressão de sentir uma presença estranha naquele local.

Por sua mente passaram vultos, sombras, uma sensação de mal-estar inexplicável.

A casinha térrea, pequena, não tinha nada de especial.

Aquele modesto tanque, então, era algo sem a menor importância, desprovido de atrativos.

Francisco voltou para dentro da casa, fechando, a seguir, a porta.

O casal não falou sobre o ocorrido, mas não conseguiu "pregar o olho" naquela noite.

Francisco levantou-se antes do raiar do Sol, caminhando de um lado para outro da casa.

Joana fingiu estar dormindo, pois não queria comentar o ocorrido.

Levantou-se no horário de sempre, para encontrar o marido esboçando desenhos num papel, o que fazia após medir todos os lados das portas e janelas da casa.

- "O que você está fazendo, Francisco?"

- "À noite você verá, querida!"

Joana havia sido criada num sistema em que a autoridade do marido era soberana.

Se ele disse que depois ela saberia, aguardaria, sem mais nenhuma conjectura.

Mais um dia de monótona rotina.

No meio da tarde, a jovem Joana saiu ao jardim, encontrando com a vizinha.

Começaram logo a conversar mas, desta vez, foi direto ao ponto:

- "Aconteceu de novo. Os passos voltaram, na mesma hora. A senhora não ouviu nada?"

- "Não, não. Eu nunca ouço nada! Durmo cedo, e nunca ouço nada!"

Voltaram a conversar amenidades, pois ela percebeu que "daquele mato não sairia coelho"!

Conversaram por cerca de meia hora, despedindo-se a seguir.

Cada uma adentrou em sua respectiva casa, para cuidar dos próprios lares.

Francisco chegou um pouco mais cedo, munido de um pacote e algumas tábuas.

Saudou Joana e pôs-se a abrir o embrulho.

Martelo, pregos, ganchos, outras ferramentas, dois canos d'água. E as tábuas.

Ficou quase uma hora trabalhando, até dar o trabalho por concluído.

Em cada janela, adaptara um rudimentar sistema de segurança.

No ponto em que as folhas das janelas se encontravam, um pequeno orifício, atravessando uma, e penetrando n'outra até mais da metade, permitia a inserção de um forte prego, travando-as fechadas.

Nas portas, um método tradicional mas arcaico de proteção fora colocado em uso:

travas utilizando os canos metálicos, apoiados sobre suportes firmemente fixados nos batentes das mesmas.

Os canos, atravessados, impediriam o acesso de visitantes inesperados.

Pode ser que esse sistema não impedisse a entrada de um invasor determinado, mas o esforço despendido e o barulho provocado permitiriam que Francisco pudesse acordar e apanhar seu revólver - que sabia usar, além de estar disposto a fazê-lo, se necessário!

Explicou à esposa como tal sistema funcionaria, enquanto jantavam.

Ele era criativo e, parece, tais fatos fizeram despertar novos "dons".

No meio do jantar, novamente os passos no telhado!

Às vinte horas!

Francisco, uma vez mais, munuiu-se da vassoura e, vociferando palavras irritadas, batia fortemente o cabo da mesma no forro da casa.

Novamente, após ter realizado o trajeto costumeiro, o ruído cessava, como que por milagre.

Naquela noite, porém, o casal dormiu, embora fosse um sono um tanto agitado.

Ambos tiveram pesadelos, mas não se lembraram bem ao acordar.

Mas, como a casa estava mais segura, puderam relaxar um pouco mais.

Nesse novo dia, Francisco cuidaria de trocar o segredo de todas as chaves externas da casa.

Tudo o que poderia ser feito para garantir a segurança de seu lar, ele faria.

A rotina de Joana, porém, permaneceria inalterada.

Após arrumar a casa, saía ao jardim para conversar um pouquinho com a vizinha.

- "Aconteceu novamente!", disse ela logo que avistou a moradora da casa ao lado.

- "Ora, dona Joana, não se preocupe com isso. Quem sabe um dia desses a senhora descobre o que está acontecendo!"

Após os minutos de prosa costumeira, Joana retornou para dentro de sua residência, determinada a preparar o jantar do amado esposo.

Francisco chegou e já foi se preparando para trocar os miolos das fechaduras.

Homem habilidoso, realizou o pretendido em poucos minutos.

Vendo que o trabalho terminara, Joana decretou:

- "O jantar está na mesa!"

Sentaram-se e jantaram, comentando sobre quão delicioso estava o jantar daquela noite. Era lombo de porco, tutu de feijão, arroz branco, pururuca, couve, pastéis de queijo, farofa.

Um bom vinho tinto, italiano, para acompanhar.

Joana era ótima cozinheira.

Após esse jantar delicioso, sentaram-se no sofá e conversaram amenidades, tentando não tocar no assunto que tanto os preocupava.

Às vinte horas, pontualmente, recomeçava o misterioso caminhar pelo telhado.

Um pouco relaxado pelo vinho, e mais tranqüilo pela segurança adicional, limitou-se a acompanhar, com os olhos, o rumo dos passos misteriosos.

Em alguns instantes, os passos cessavam, e tudo voltava ao normal.

Será?

Naquela noite, ambos resolveram que não comentariam o assunto.

Dormiram melhor, talvez auxiliados pelo vinho. Dia seguinte, mesma rotina.

Daquela tarde em diante, Joana decidira-se a não mais comentar os "passos" com sua vizinha.

Achou que seria melhor assim.

À noite, o casalzinho jantou outra refeição deliciosa.

Mas, às vinte horas em ponto, eis os passos misteriosos, mais uma vez!

Naquela noite, Francisco novamente "socou" o forro com o cabo de vassoura.

Em instantes, porém, o ruído cessava, misteriosamente.

E a coisa ficou assim:

Entra dia, sai dia e, pontualmente às vinte horas, ouvia-se passos no telhado.

Eram passos misteriosos, que tinham um "quê" de lúgubre, de macabro.

Francisco e Joana não sabiam exatamente o quê, mas havia algo de sobrenatural naqueles passos.

Joana, católica fervorosa, rezava para o medo passar.

Francisco, porém, não temia vivos nem mortos. Mas a paz do casal começava a fragmentar-se. Toda noite, era a mesma coisa.

Quase quatro meses haviam se passado desde que o jovem casal se mudara para tal imóvel e, toda noite, os misteriosos passos mostravam sua barulhenta caminhada pelo telhado!

Numa tarde de sábado, Joana e Francisco foram visitados por um primo distante. Esse primo veio acompanhado de um morador da rua de cima, daquela em que o jovem casal morava. Como era o início da tarde, todos decidiram conversar sobre os mais variados assuntos, "botando a prosa em dia".

Passaram horas nesse gostoso "bate-papo", falando sobre tudo, "resolvendo os problemas do mundo".

Num dado momento, o amigo daquele primo, antigo residente do bairro, perguntou:

- "E como é que o casalzinho está se sentindo morando na 'casa dos passos'?"

Francisco e Joana emudeceram.

O visitante continuou:

- "Sabem, quando meu amigo me disse que era primo de vocês, eu imediatamente pedi para que ele me levasse junto ao visitá-los, pois vocês são um fenômeno!"

- "Como assim?", perguntou Francisco, entre curioso e espantado.

- "Ora, vocês não ouvem os 'passos macabros' todas as noites, às vinte horas, como todos os outros que tem morado nesta casinha, e continuam aqui?"

- "Sim, toda noite!", falou Joana.

Francisco e Joana, então, relataram todo o caso aos seus visitantes.

O vizinho ouviu tudo com atenção, mas sem esboçar nenhuma surpresa.

Findo o relato, abriu-se:

- "Há dois anos, aproximadamente, morava aqui um casal.

O marido tinha quase o dobro da idade da bela e jovem esposa.

Estavam casados há pouco tempo, mas os ciúmes do marido já haviam se tornado conhecidos em todo o bairro.

Ele era um homem enérgico.

Havia emigrado para o Brasil poucos anos antes.

Nada se sabe de sua vida no exterior, mas algumas pessoas diziam que ele era um criminoso condenado em algum País longínquo. Ouvi falar que o fulano era militar, veterano de guerra, e havia matado seu comandante, fugindo em seguida.

Outra versão diz que o sujeito era marinheiro, envolvido com algum tipo de negócio ilícito. Numa noite, o comandante do navio parece ter descoberto suas falcatruas.

Deu-lhe, então, voz de prisão, de arma em punho.

Nosso personagem teria se engalfinhado com seu comandante e, tomando a arma deste, fuzilara-o.

Os tiros tinham acertado o rosto e o tórax, todas os projéteis varando o pobre homem de lado a lado.

Parece que a arma usada teria sido uma pistola Mauser 'parabellum', muito potente!

Se conheço o que balas desse tipo fazem à queima-roupa, deve ter espirrado sangue para todos os lados.

Não sei, na verdade, como pessoas estranhas poderiam saber tanto sobre crimes cometidos por um fugitivo de terras distantes.

Teria o criminoso contado suas façanhas sob efeito do álcool?

Ou teria confessado seus pecados mais terríveis a algum ouvinte, num momento de imenso remorso?

Pode ser que isso tudo fosse apenas invenção, mas o fato é que o homem era esquisito.

Proibira a esposa de falar com vizinhos.

Encarava quem resvalasse um olhar para a bela mocinha.

Brigava com ela todas as noites.

Um dia, começou a cismar que a esposa o traía.

Passou a chegar em casa nos horários mais desencontrados, entrando e saindo várias vezes por dia, como se quisesse pegar alguém em flagrante.

Quase todas as noites, o marido ciumento espancava a esposa.

E isso já virara rotina.

Parecia que um destino terrível estava próximo.

Até que, naquela noite fatídica, o marido chegou em casa às sete horas da noite. Abriu o portão, que trancava com corrente e cadeado. Encostou-o e foi em direção da porta. Abriu-a e entrou em casa, fechando a porta em seguida. Rumou para a área de serviço, onde estava sua pobre esposa. A bonita moça lavava roupa no tanque. Ao ver o marido, a jovem esposa esboçou um sorriso. Ele, possuído pelo 'monstro de olhos verdes' passou a agredi-la verbalmente. Xingava a mocinha de todas as palavras obscenas que lhe vinham à mente. A moça fez uma cara de espanto e tentou acalmá-lo, mas foi inútil.

O enfurecido marido passou a esbofeteá-la, chutá-la, dar-lhe joelhadas, cotoveladas e safanões de todo tipo.

A moça começou a sangrar e berrar tal qual um porco rumo ao matadouro.

Não restava dignidade naquele rosto ensangüentado - só havia o desespero de lutar pela própria vida!

Ela tentou se defender como podia, agarrando o marido pelos cabelos e mordendo suas mãos.

Isso foi fatal!

O marido, envenenado por um ciúme doentio e tomado de um ódio incontrollável, agarrou a esposa pelo pescoço e, com uma força fora do normal, estrangulou a pobrezinha.

Ela debateu-se, tentou gritar, mas o ar lhe faltava.

Seu olhar, que era terno e sereno, havia se transformado numa expressão de terror.

Os olhos esbugalhados saíram fora das órbitas, fazendo seu rosto ser o verdadeiro retrato do desespero dos que sentem sua vida ser ceifada por algum ladrão invencível.

O rosto estava roxo, o pescoço enegrecido. Sua língua esticada para fora da boca, mais parecia uma pequena e grotesca gravata de carne, pois pingava sangue para fora, certamente o resultado dos murros do marido que haviam lhe quebrado todos os dentes da frente, transformando a boca da esposa numa maçã disforme e asquerosa.

Esperneou, urinou-se e defecou-se toda, ao mesmo tempo em que a vida lhe era roubada pelo homem a quem ela havia desposado.

Veias se romperam no pescoço, fazendo com que o sangue escorresse, jorrasse pela boca, pelas narinas, manchando suas vestes e as de seu algoz com a prova do crime.

Engasgada com o sangue, vomitou, mas o vômito acabou por entupir-lhe as narinas, ajudando a obra de seu algoz ao afogá-la mais um pouco em seu próprio muco.

A infeliz morreu ali mesmo, no tanque.

O marido ficou olhando para o corpo da mulher que jazia inerte, contorcido e caído, metade para dentro do tanque, metade para fora, como que numa pose de um balé macabro - o balé da morte!

Sob os pés da morta, uma poça de sangue, urina e fezes testemunhava o caráter deletério e transitório da frágil e preciosa vida humana.

Um corpo inerte sujo de restos fétidos de uma existência, era tudo que restara de uma pessoa que, poucos minutos antes, pensava, amava, respirava, sorria - enfim, vivia!

O assassino sádico e louco riu, riu, e desancou a gargalhar!

Riu tanto que teve de sentar-se no chão.

Sentou-se aos pés da jovem trucidada e, numa atitude só permitida aos insanos, apanhou um pouco daqueles restos nojentos da vida ceifada e, pasmem, levou-os à boca, consumindo aquela mistura nauseante como se fosse um néctar dos assassinos covardes!

Em seguida, esfregou o rosto com aquela pasta fedorenta, enquanto se esbaldava de rir!

Foi patético!

No dia seguinte, a vizinha do lado, logo cedo, viu a cena macabra no quintal desta casa e procurou pela polícia imediatamente.

A polícia chegou e prendeu o marido assassino, que se deixou levar sem oferecer resistência, enquanto balbuciava algo como 'ela era uma vagabunda! ela me traía! dei cabo dessa cadela!', e daí para fora.

A força que fizera havia sido tremenda, e ela cheirava a cebolas azedas, fruto de um suor nauseabundo que empapara suas roupas.

Parecia, porém, que o maníaco homicida apreciara tanto ter esganado a indefesa mocinha, que uma grande mancha em suas calças faziam crer que o homem havia atingido o orgasmo enquanto destruía a vida da desgraçada esposa!

E a mocinha era honesta, era fiel.

Foi tudo loucura do marido.

Parece que o animal foi parar em um manicômio judiciário."

Todos estavam arrepiados.

Francisco, percebendo a gravidade da situação, perguntou:

- "Mas não há nada que se possa fazer para se livrar dessa 'inferneira'?"

- "Sim, há uma maneira:

Os moradores desta casa, até agora macabra, devem mandar rezar três missas por intenção da alma da falecida.

Essas missas devem ser rezadas em três igrejas diferentes, no mesmo dia e à mesma hora.

Mas essas igrejas devem fazer um triângulo entre elas, de molde a que esta casa fique 'dentro' desse triângulo de Igrejas.

Além disso, procurem o Padre Giovanni, conhecido no bairro.

Ele é um grande exorcista.

É isso que ela precisa!

Até que isso aconteça, ela perturba os moradores - para que eles lhe patrocinem o que ela precisa para se libertar!

Como ela não tinha parentes, ninguém cuidou de encomendar sua alma.

Ela ficou, então, como uma 'alma-penada'!"

Deram-se conta, então, que eram vinte horas, quando os passos se fizeram ouvir novamente, dessa vez por todos os presentes.

Joana e Francisco sabiam, então, o que deveria ser feito.

As visitas saíram, e o casal sequer tocou no assunto o resto da noite.

No dia seguinte, Domingo, Francisco e Joana foram, logo cedo, para a Igreja mais próxima - São Januário.

Lá chegando, procuraram pelo Padre.

Relataram, ao Padre o ocorrido, explicando que desejavam, por esse motivo, encomendar uma missa pela alma da infeliz.

A missa foi marcada para o próximo Domingo, dali a oito dias.

Procuraram outras duas Igrejas, na localização geográfica que permitiria formar um triângulo imaginário, tendo a 'casa dos passos' em seu interior.

Assim aconteceu.

Saíram, então, procurando o tal Padre exorcista.

Pergunta daqui, procura dali, até que enfim encontraram o tal Padre.

Era um homem idoso, talvez beirando os oitenta anos, gordo e rosado, com o cabelo branco como neve, assim como uma barba e um bigode longos e mal cuidados.

Seus olhos, de um azul intenso, eram profundos, penetrantes, inquisidores.

Mal chegaram à sua presença, e o Padre disse, com um carregado sotaque italiano:

- "Meus filhos, eu sei o que está acontecendo. É chegada a hora de a 'casa dos passos' deixar de ser maldita.

Vamos rezar!"

O casal uniu-se ao Padre nas orações.

Alguns minutos depois, o Padre lhes disse:

- "Na hora das missas que vocês encomendaram, estarei em sua casa, para que rezemos juntos.

Vão em paz!"

O casal afastou-se, embora ambos estivessem atônitos com os poderes para-normais daquele Padre exorcista.

Naquele domingo, o Padre Giovanni apareceu bem cedo na casa de Francisco e Joana.

Preparou-se para o ritual, pedindo em seguida que ambos ficasse dentro do quarto, rezando, e que não saíssem de lá até serem chamados por ele.

O padre rezava em voz alta, em latim, enquanto o casal rezava baixinho aos pés da cama.

Pelas mentes de Francisco e Joana, passaram-se cenas de horror, talvez influência do relato feito anteriormente pelo vizinho.

O fato é que foi como se um filme fosse passado dentro da cabeça deles, mostrando os fatos terríveis que tiveram lugar naquela casa.

Cerca de uma hora depois, o Padre Giovanni chamou-os dizendo:

- "Meus filhos, o espírito que atormentava este lar encontrou seu caminho, e agora está em paz!

Fiquem com Deus!", disse ele, sem ao menos dar tempo ao dois de agradecê-lo, enquanto saía de lá falando que tinha outro compromisso.

Seria outro exorcismo?

Quem sabe?

Francisco e Joana entreolharam-se, achando um pouco estranha a atitude do Padre.

Bem, mas exorcistas devem ser estranhos mesmo, pensaram.

Resolveram visitar alguns parentes no resto do domingo, para evitar pensarem no assunto.

Voltaram para casa antes das oito da noite.

E, pontualmente às oito horas, nada!

Não se ouviu nada!

Estariam eles livres daquele pesadelo?

Passaram-se dias, e nada mais de passos misteriosos!

Depois das missas e do exorcismo, nunca mais se ouviram passos misteriosos no forro daquela casinha.

Francisco e Joana ainda moraram, por alguns meses naquela casa, embora perturbados pelo terrível crime que havia lá ocorrido.

Mas nunca mais ouviram aqueles passos lúgubres!

A alma da infeliz estava, realmente, em paz!

"PARIS, TRINTA ANOS DEPOIS"

Antonio acabara de desembarcar na França, fugindo de Portugal.

Paris, para ele, não significava nada menos que a liberdade.

Era o ano de 1967, e a ditadura salazarista aterrorizava os jovens em idade de servir as Forças Armadas.

Muitos jovens portugueses estavam sendo recrutados para serem enviados à África, para defenderem as Colônias no além-mar.

Antonio revoltara-se contra essa situação.

Como estudante de filosofia, havia sido influenciado por pensadores diversos, o que fizera com que valorizasse muito a liberdade - ainda que de pensamento.

Nessa manhã fria, Paris não lhe parecia nada hospitaleira.

Acabara de deixar para trás o lar, os pais, os amigos, sua vida.

Tudo para poder continuar vivendo!

Filho único, mimado, Antonio estava começando a detestar a "Cidade-Luz".

Mas não havia opção.

Paris haveria de ser.

Passou, na França, por maus momentos.

Uma cultura diferente, padrões distintos de comportamento.

Portugal era hospitaleira, tradicional, familiar, antiquada.

França significava modernidade, avanço, evolução, revolução.

Os primeiros meses foram chocantes.

Antonio sentia, a cada dia, mais vontade de chorar.

Até que conheceu uma enfermeira, prostituta nas horas vagas e adepta do ópio como instrumento de laser.

Dez anos mais velha, a enfermeira iniciou o jovem Antonio nos prazeres do ópio.

E foi no ópio que Antonio encontrou a fuga para os momentos terríveis do exílio.

Do ópio da enfermeira para a maconha da manequim das passarelas foi um pulo, ou melhor, uma "viagem".

Dali para o LSD, a mescalina e o haxixe, foi um passinho.

Antonio vivia entre os hippies, as prostitutas e os drogados.

Tinha, na verdade, tornado-se um deles.

Mas, um dia, assistiu a uma sessão de Vodou.

Ficou estarrecido.

Em plena Paris do sexo livre, das drogas proibidas mas toleradas e do psicodelismo destruidor da vontade, um pedaço da África negra, violenta e

selvagem explodia em meio ao sangue do holocausto e os gritos frenéticos e histéricos dos negros envoltos em trajes primitivos.

Um negro alto e magro, dono de um olhar penetrante e amedrontador, aproximou-se de Antonio e, do alto de seus quase dois metros, esticou o dedo indicador da mão direita, dizendo:

- "Fá. Vodun Fá. Orixá Ifá Babá Mí. Ti, Babalaô, Omó-Ifá, Omó-Orunmilá. Ki bá Axé!"

Embora não compreendesse yoruba, Antonio entendeu que uma mensagem lhe era passada. Aquilo o estremecera dos pés à cabeça.

O "barato" da droga que consumira passou, repentinamente.

O vinho que havia bebido parecia ferver em suas veias.

Tudo dentro de seu estômago estava rodando, em grande velocidade.

Antonio desabou ao chão.

Os amigos se apressaram em recolhê-lo, culpando o abuso das drogas pelo "mico" que estavam pagando.

Mas aquele negro parecia não pensar assim.

Ele continuava a apontar para Antonio, desta vez gargalhando alto.

Era a própria personificação do 'Baron Samedi', o terrível 'senhor dos cemitérios' do Vodou haitiano.

Antonio estava ardendo em febre, mas conseguia ver a cena.

Talvez fossem as drogas, provavelmente o vinho, mas as alucinações que via lhe soaram proféticas.

Os amigos o deixaram em casa, para que se recuperasse.

Essa recuperação levou dois dias inteiros.

Desse dia em diante, Antonio tomou duas decisões:

abandonaria as drogas, e buscaria a origem daquela religião horrível e misteriosa.

Nas semanas seguintes, Antonio buscaria livros e praticantes dessa religião antiga e amedrontadora.

Foram-se dias, semanas e meses.

Antonio estudava tudo sobre Vodou, magia, alquimia, cabala.

Mas mantinha-se afastado dos terreiros aonde os negros africanos praticavam seu culto aos Deuses da terra distante.

Embora sentisse atração por essa religião primitiva, tinha horror dos sacrifícios de sangue e outras práticas arcaicas.

Os meses se passaram, e Antonio embrenhara-se pela senda obscura do conhecimento hermético.

Gradualmente, abandonara os estudos mágicos generalizados, voltando-se para as pesquisas alquímicas e radiônicas.

Experimentara realizar o trabalho alquímico uma, duas, três vezes.

Falhara, contudo.

Tivera sucesso no primeiro trabalho.

Sucesso coroara sua incursão pelo segundo trabalho.

Mas, no terceiro trabalho, fracassara.

Por outras duas vezes tentara, mas despencara do alto de suas esperanças qual Ícaro com as asas de cera derretidas pelo Sol idolatrado.

Frustrado, até desolado, resolvera dedicar-se mais à teoria da alquimia, deixando suas práticas reservadas para a radiônica, para a radiestesia.

Depois, o trabalho de fotógrafo o afastava mais e mais da alquimia.

Os livros foram encaixotados, cedendo lugar às máquinas fotográficas e a outros utensílios mais adequados ao Século XX.

Tornou-se um fotógrafo de sucesso.

Diplomou-se em Belas Artes.

Converteu-se em jornalista.

Entrevistara personalidades do mundo das artes diariamente.

Salvador Dali, Victor Vasareli, Pablo Picasso, a cada semana aumentava a lista de celebridades que conhecia e com quem convivia.

Os dias de amargura haviam passado.

Já não havia necessidade de refugiar-se nas drogas e no álcool para mascarar uma vida insatisfatória.

Dinheiro, mulheres, sucesso, estava tudo como sempre desejara.

Até que um colega, publicitário, resolveu dar uma festa de despedida:

estava de mudança para o Brasil.

Brasil!

Terra tão inóspita quanto desinteressante, lugar de pobreza, calor e moscas, como certa vez decretara um famoso artista.

Não, afirmava o amigo.

O Brasil era lugar de se ganhar muito dinheiro, comprar carros de luxo, viver em casas amplas,

passar as férias nas mais belas paisagens do Planeta.

O amigo já estava com emprego arrumado, numa grande agência de publicidade de São Paulo.

Receberia um salário de vários milhares de dólares, moraria num apartamento duplex de cobertura e teria um carrão esporte para usar. Mas, e a ditadura?

Antonio estava em Paris, afinal, para fugir da ditadura.

Estava nos estertores, afirmava o amigo. Além disso, americanos e europeus eram intocáveis, afirmava.

Antonio ficou entusiasmado com a idéia de conquistar o Novo Mundo, de "Fazer América". Ainda assim temia a ditadura.

Na juventude, fora filiado ao Partido Comunista Português.

Já em Paris, integrara a Juventude Comunista Francesa.

Tremia de terror ao imaginar-se vivendo numa ditadura brutal.

Ficaria em Paris, afinal.

França é liberdade, pensava.

O amigo viajou naquela semana.

Antonio permanecia feliz na agora "sua" Paris.

Muito trabalho, muitas atividades, o tempo todo ocupado.

Um ano depois, o amigo que rumara para o Brasil estava de volta.

Para visitar!

Contou que, tudo quanto imaginara e sonhara era pouco!

Ganhava de salário o suficiente para comprar quatro "fuscas" por mês.

Vivia num apartamento duplex de cobertura com mais de quinhentos metros quadrados.

Havia se casado com uma "nativa", cujo pai era banqueiro.

Freqüentava festas da alta-sociedade, e badalava na animada vida noturna até o meio da madrugada sempre que desejasse.

O Brasil era, sem dúvida, um paraíso tropical, "o Jardim do Édem"!

Mas, e a famigerada, brutal e assassina ditadura de que a imprensa internacional falava?

Bobagem!

A ditadura só perseguia os opositores do Regime - e ele imigrara para trabalhar, enriquecer e viver nos píncaros da glória, e não para se opor a ditadores de uma repubiqueta das bananas!

Uma semana de férias, e o "brasileiro" já se despedia dos amigos, dizendo não agüentar mais de saudade do "seu Brazilzinho"!

Nossa, aquilo era espantoso!

Antonio, que estava separado da segunda esposa há menos de um mês, resolveu que iria aventurar-se pela "América Latrina", como desdenhosamente seus amigos intelectuais classificavam o Novo Mundo abaixo do Equador.

O ano era 1972.

Vendendo tudo quanto possuía na Paris de seus sonhos e pesadelos, Antonio resolvera "passar alguns meses" na Terra de Santa Cruz.

Veio para ficar menos de quatro estações.

Nunca mais saiu do Brasil.

Casou-se outras três vezes. Tem dois filhos de uniões distintas.

Após a publicidade, já abastado, decidiu-se tornar empresário.

Prosperou, enriqueceu.

Mudou de ramo.

Os tempos mudaram.

Perdeu tudo, menos a dignidade e a vontade de vencer.

É só uma fase, pensava.

E a vida a desancar, a rolar barranco abaixo.

Atingiu o fundo do poço.

Tornara-se "esotérico", vivendo a dar consultas.

Certa vez, confessara-me:

- "Sinto-me um saltimbanco. Teria vergonha de contar à minha mãe o que faço para sobreviver!"

Em poucos anos, sua vida havia mudado, seu mundo havia girado e capotado, e nesse momento parecia estar de pernas para o ar.

Conheci-o em meio a esse tormento.

A vida se desmanchando.

Observei, em silêncio, os esforços inúteis, os golpes de espada n'água.

Um dia, resolvi me entrometer:

- "Você deveria agir magicamente para dar uma virada nessa situação!"

Mas Antonio era, como sempre, refratário. Verdadeiro discípulo de Sartre, Antonio empurrava a pedra até o alto da montanha, durante o dia; a noite, rolava a pedra montanha abaixo, só para poder empurrá-la montanha acima no dia seguinte.

Essa era a filosofia de Antonio.

Numa manhã chuvosa, Antonio telefonou-me, dizendo que precisava falar-me com urgência. Encontramo-nos após o almoço, e ele relatou-me detalhadamente, assustado, o sonho que tivera com uma sessão de Vodou que assistira na França longínqua.

Sonho não, pesadelo.

Antonio parecia perturbado.

Ouvi pacientemente seu relato.

Ele me pediu que pensasse em algo, pois as coisas estavam difíceis, e aquele sonho

esquisito havia lhe passado a impressão de que havia uma saída para tantas agruras.

Prometi-lhe que pesquisaria.

Naquela noite, sonhei com um Vodum haitiano, Dambalah, a cobra e o arco-íris.

No Brasil, o culto aos Voduns, Divindades do Panteão do Vodou haitiano, é raro, e eu nunca havia contatado tal Entidade.

Mas o sonho havia sido claro e esclarecedor: Antonio deveria realizar determinada oferenda homenageando Dambalah.

Era uma oferenda simples, modesta, composta somente de determinado tipo de farinha, um copo d'água e uma vela branca comum.

Transmiti essa "mensagem" ao Antonio.

Ele, porém, retraiu-se:

disse que não desejava envolver-se nesse "culto bárbaro".

- "Os negros foram escravizados pelos brancos, mas vingaram-se dando aos brancos sua horrível Religião", dizia sempre ele.

Para o Antonio, os livros sobre Vodou e Candomblé eram, somente, "o manual do bom açougueiro"!

Mas os Deuses da África pareciam ter escolhido Antonio.

Ele continuava a sonhar, noite após noite, com essas Divindades que ele sistematicamente rejeitava.

Resolvi não mais tocar no assunto, pois devemos respeitar o livre-arbítrio alheio.

Uma noite, porém, recebi um telefonema de Antonio.

Ele me disse:

- "Fiz ontem aquela oferenda a Dambalah. Noite passada, sonhei com uma cobrinha sorridente, toda colorida. Ela sorria e me mostrava os dentes. Era como se fosse um desenho

animado. Foi tão bonito! A cobrinha risonha prometeu-me que minha vida tomaria novos e melhores rumos. Que tivesse um pouco de paciência, pois que as mudanças não tardariam."

Conversamos um pouco sobre o assunto, depois desligamos.

Fiquei pensando muito naquilo tudo.

Naquela noite, sonhei com a África distante.

Num local inóspito, um sacerdote primitivo consultava o Oráculo de Ifá, Orixá dos vaticínios.

Esse indivíduo dirigiu-se a mim, como que determinando que eu ensinasse geomancia ao Antonio.

A geomancia é a origem dos oráculos africanos em geral, e uma das artes divinatórias de minha preferência.

No dia seguinte, fui ao encontro do Antonio, apressando-me em contar-lhe meu sonho.

Ele sorriu e disse que havia sonhado algo semelhante, com a diferença que lhe diziam, nesse sonho, para que aprendesse geomancia comigo.

Bem, isso era mais que coincidência.

Nas próximas semanas, reunimo-nos inúmeras vezes, para que eu pudesse passar-lhe o que conhecia dessa antiga arte divinatória.

Antonio mostrou-se um excelente aluno.

Apaixonou-se pela geomancia, a ponto de considerá-la a melhor dentre todas as práticas de divinação.

Antonio tornou-se um excepcional geomancista, enquanto que sua vida tomava novos rumos.

Iniciou-se nova ascensão.

Lenta, como toda evolução, mas patente e positiva.

Anos se passaram, e decidimos, ambos, a escrever um livro sobre geomancia, em parceria.

Meu terceiro, o primeiro dele.

Intitula-se "Geomancia - O Oráculo do Futuro". Terminado o livro, encontrei-me com o Antonio. Nessa reunião, manifestei minha vontade de dedicar a obra a Ifá, Orixá dos vaticínios.

Afinal, duas décadas atrás, decidi-me a aprender o "jogo-de-búzios".

Queria mais que tudo no mundo.

Mal sabia que tal prática era, somente, mais uma das diversas variedades de geomancia.

Aprendi a jogar os búzios, e também a manipular o Opelê-Ifá.

Tornei-me um geomancista.

Tinha me sido permitido realizar esse sonho.

Acreditava dever isso a Ifá.

Antonio disse que tudo bem, que eu poderia dedicar essa obra a quem desejasse.

Ele também concordava que Ifá deveria ser o responsável por isso tudo.

Disse isso, porém, sem a mesma emoção que me invadia.

Bem, estava decidido que essa nossa obra seria, publicamente, dedicada ao Orixá Ifá.

Com o livro quase pronto para ser distribuído, Antonio foi convidado a ir a Paris.

O motivo era visitar a feira literária de 1997, visando adquirir títulos para lançar por aqui. Como editor, sua função exigiria essa viagem. Desembarcou em Paris exatos trinta anos depois de sua primeira chegada na "Cidade-Luz".

Isso, por si só, deixava-o emocionado.

Percorreu todos os lugares por onde viveu e morou, só para descobrir que tudo mudara, e para sempre.

Decepcionou-se com a tal feira, pois a bienal brasileira é melhor e maior.

Visitou os lugares por onde pesquisou radiônica, alquimia e radiestesia.

Livrarias fecharam, empresas desapareceram.

O futuro passara pela "sua" Paris, destruindo todos os elos que pensava ainda ter com essa terra que o acolheu no exílio.

Percorreu as ruas da "nova" Paris, uma cidade estranha.

Por onde quer que passasse, via as obras e os pôsteres de Paulo Coelho, o conquistador literário do "Velho Mundo".

Paulo consagrou-se pela França de tantos.

Hoje, é França de Paulo Coelho.

Num Sábado, entrou numa livraria antiga, com poucas obras nas prateleiras.

Sobre o balcão, encontrou, ainda envoltos numa embalagem inviolável, um par de dodecaedros, dados de doze faces pentagonais

utilizados aos pares para se praticar geomancia.

Perguntou, num francês destreinado, ao vendedor, se aqueles dados estavam à venda.

- "Não senhor. Eles acompanham um livro."

- "E qual livro?"

- "Este!", disse-lhe o idoso balconista, retirando de um cantinho um velho livro.

Intitulava-se "La Géomancie Retrouvée", escrita por Don Néroman na década de 1950.

- "É o último exemplar desta obra, esgotada desde os anos '50. O autor só tirou uma edição, de 500 exemplares. Morreu poucos anos depois."

Antonio folheou o velho livro, maravilhando-se ao constatar que suas páginas sequer haviam sido separadas.

"Deve ser mesmo o último do Mundo!", pensou silenciosamente.

- "Quanto custa?"

- "Trezentos Francos, senhor."

Trezentos Francos.

Antonio ficou pensativo, tinha outras coisas importantes para comprar.

Agradeceu e saiu.

Já era quase hora do almoço, e Antonio fez sua refeição sem, contudo, tirar tal livro da cabeça.

Passeou a tarde toda, depois jantou lautamente, mas o tal livro, além dos dodecaedros, não saíam de sua cabeça.

Naquela noite, sonhou com os personagens daquele ritual Vodou mas, desta vez, o sonho era povoado de fogo.

Fogo por todos os lados.

O homem que, trinta anos antes, havia transformado sua vida pronunciando palavras numa língua desconhecida, agora apresentava-se envolto numa manta de chamas.

Antonio acordou sobressaltado em meio a uma gargalhada desse assustador vuduísta.

A gargalhada parecia estar ecoando nos corredores do hotel enquanto Antonio constatava estar banhado em suor, num estado quase febril.

Levantou-se como pode, e foi tomar um banho. Ainda estava escuro.

Passou o resto da madrugada pensando como havia sido burro por não ter comprado aquela raridade.

"É o último do Mundo todo! Como pude deixar de comprá-lo!", pensava incessantemente.

O Domingo só serviu para que esses pensamentos se multiplicassem.

Antonio só sabia de uma pessoa que possuía outro exemplar daquele livro original e um par de dodecaedros - eu!

E ele teve o livro nas mãos e não comprou!

Imperdoável.

Não almoçou nem jantou naquele dia, só pensando na preciosidade que rejeitara.

Tentou dormir, mas ficou menos de duas horas na cama.

Antes das oito horas da manhã de Segunda-Feira, Antonio já estava na porta daquela velha livraria, aguardando sua abertura.

Assim que as portas foram abertas, entrou apressado e, ansioso, indagou do vendedor já conhecido:

- "Posso ver aquele livro? O senhor me vende o conjunto?"

O idoso vendedor colocou, sobre o balcão, o livro e o par de dadinhos.

Antonio apanhou-os, comovido.

Estava certo de que fora Ifá quem prepara toda aquela cena e seus personagens.

Tinha agora, certeza, de que Ifá estava mostrando sua gratidão pela dedicatória da obra.

Logo que voltou ao Brasil, Antonio me procurou.

Relatou-me todo o ocorrido acima, visivelmente emocionado.

Comovi-me também.

Estava certo de que Ifá mostrava que gratidão pode não ser uma virtude humana, mas é qualidade dos Deuses.

- "Francisco Roberto, você tem o manualzinho dos dodecaedros?", perguntou-me um Antonio diferente.

- "Não, só tenho o livro e os dados."

Produzindo duas cópias de um diminuto folheto de quatro páginas de dentro da pasta, disse:

- "Vieram dois manuais idênticos! Um é seu!"

Eu também recebi a gratidão de Ifá!

Esta obra é dedicada à memória de meus queridos avós:

José Abrahão, José Rodrigues Romeiro,

Odete Bichara Abrahão, Romilda Moghetti Rodrigues Romeiro.

Peço sua proteção, onde quer que estejam.

J.R.R.Abrahão.

UMA EDIÇÃO SUPERVIRTUAL
A MAIOR BIBLIOTECA VIRTUAL GRÁTIS DA INTERNET MUNDIAL
WWW.SUPERVIRTUAL.COM.BR
alexandriavirtual@uol.com.br